

“Então ela está estudando para ser feiticeira, para atrapalhar a nossa vida”: o lugar da mulher negra na construção e consolidação das relações afetivas em Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus

Janaina Tomaz Capistrano¹

Resumo

Considerando fundamental a leitura de obras que se localizam na contramão da hegemonia branca, masculina e eurocentrada, sobretudo no âmbito educacional, trazemos para o centro das investigações do projeto de pesquisa “Vozes da periferia: Carolina e outras pretas descolonizando o patriarcado” a obra Diário de Bitita (1986), relato autobiográfico escrito por Carolina Maria de Jesus. Este trabalho se constitui como desdobramento dos estudos desenvolvidos nesse projeto de pesquisa, implementado no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus São Gonçalo do Amarante. O objetivo deste estudo é reconhecer na e pela linguagem o lugar da mulher negra na construção e consolidação de relações afetivas, as quais são relatadas na obra Diário de Bitita. Assim, a partir de um olhar afrocentrado, este trabalho segue na esteira de estudos que buscam produzir fissuras no campo simbólico da literatura, desconstruindo estereótipos que subalternizaram a escrita potente e urgente de mulheres negras, as quais vêm se reafirmando mulheres sujeitos de suas histórias e dos saberes que delas decorrem.

Palavras-chave: Linguagem; Interseccionalidade; Relações afetivas; Vozes Sociais.

Introdução

Este trabalho é parte dos resultados da pesquisa empreendida pelo projeto de iniciação científica “Vozes da periferia: Carolina e outras pretas descolonizando o patriarcado”, realizado com a parceria de alunas integrantes do 3^a ano do Ensino Médio Integrado do IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus São Gonçalo do Amarante. O citado projeto teve como objetivo reconhecer na e pela linguagem as marcas da interseccionalidade raça, gênero, classe imersas na obra Diário de Bitita, da escritora Carolina Maria de Jesus. A partir da análise realizada no projeto, além das marcas interseccionais presentes na obra, chamou a atenção o modo como as relações afetivas se constroem e se consolidam na vida das mulheres negras, personagens de Diário de Bitita.

O trabalho se insere nos quadros da pesquisa qualitativa e interpretativista, de base documental, tendo sido utilizados os conceitos atribuídos à perspectiva discursiva: a concepção de linguagem assumida pelo Círculo de Bakhtin, bem como o conceito de vozes sociais e relações dialógicas. Juntamente com a abordagem feminista decolonial, nos fundamentamos nas autoras Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2019), Audre Lorde

¹ Professora do IFRN – Campus São Gonçalo do Amarante. Possui mestrado e doutorado em Estudos da Linguagem com área de concentração em Linguística Aplicada pela UFRN. Atualmente, dedica-se a pesquisas na área de linguagem, gênero e decolonialidade. Endereço para comunicação: janaina.capistrano@ifrn.edu.br.

(2019), Beatriz Nascimento (2021) e Grada Kilomba (2019), que trazem para o centro da discussão a interseccionalidade entre as opressões de raça, gênero e classe, isto é, os atravessamentos que fazem da mulher negra o centro de um cruzamento de avenidas identitárias, colocando-a em um espaço de grande exposição aos sistemas de dominação.

É com esse aporte teórico-metodológico que buscamos analisar discursivamente as relações afetivas vivenciadas pela mulher negra em Diário de Bitita a partir do seguinte questionamento: como a interseccionalidade raça, gênero, classe afeta a construção e a consolidação das relações afetivas das mulheres negras? Nessa perspectiva, focalizaremos a escrita de uma mulher pertencente a um grupo ainda mais subalternizado, em que o corpo social é desacreditado de suas potencialidades apenas por ser mulher, negra e pobre, mas que usa a leitura e a escrita como armas para enfrentar a ordem patriarcal branca, como ato político de resistências aos diversos problemas que essas estruturas sociais impõem a essa mulher.

A perspectiva discursiva da linguagem: um olhar bakhtiniano

O tratamento discursivo que nos propomos dar para a análise das relações afetivas nas quais estão inseridas a mulher negra em Diário de Bitita é oriundo do conceito bakhtiniano acerca da linguagem. O Círculo de Bakhtin, como é conhecido o grupo de intelectuais e pensadores russos que se reunia na segunda década do século XX para discutir, dentre outras questões, aspectos relacionados à linguagem, dimensiona sua compreensão acerca da linguagem a partir dos aspectos social e histórico concernentes a ela.

Assim, para tratar de linguagem, estamos nos ancorando na concepção dialógica, a qual sinaliza para a ideia de que a linguagem deve ser estudada a partir da enunciação, entendida como produto de interação entre indivíduos socialmente organizados, conforme Bakhtin (Volochinov, 1995). Dessa forma, na concepção dialógica da linguagem, tem-se a afirmação de sua natureza social e não individual, heteroglótica em sua essência, construída no processo de interação verbal, contrapondo-se, dessa forma, à visão de língua homogênea.

Considerando a interação verbal como constitutiva dos estudos da linguagem, surge um elemento que não pode ser esquecido, de acordo com essa perspectiva, **o outro**. Ou seja, a palavra vem de um falante socialmente situado e dirige-se para um interlocutor também socialmente situado, sendo assim determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.

A contraposição *eu/outro*, aliás, é um dos eixos em que se baseia a teoria bakhtiniana; as palavras estão carregadas por sentidos já produzidos por outros falantes, os quais também não foram os primeiros a utilizá-las. Para o Círculo de Bakhtin, toda enunciação é carregada da “voz alheia” do outro, sendo que a presença do interlocutor, como vimos em Bakhtin (Volochinov, 1995), é tão essencial quanto a presença do falante, que sempre toma a palavra numa atitude responsiva, para retificar, concordar, discordar, polemizar etc. Nesse sentido, estamos tratando do caráter responsivo da linguagem, ou seja, a resposta a algo que foi dito anteriormente e a retomada da fala alheia. Essas duas orientações constituem o funcionamento dialógico da linguagem na concepção bakhtiniana.

Um outro conceito fundamental para a análise das relações afetivas da mulher negra expressas na e pela linguagem na obra *Diário de Bitita* é o de vozes sociais. Para o Círculo de Bakhtin, a língua nunca é única, somente o será como sistema abstrato, normativo; ao contrário, sua concepção de língua está ligada à vida social viva e à evolução histórica: “os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior destas diferentes perspectivas” (BAKHTIN, 1990, p. 96). Disso decorre a heterogeneidade do discurso, que nos permite colocar mais um aspecto da dialogicidade: o caráter internamente dialogizado de todo dizer. Esse aspecto expressa a articulação de múltiplas vozes, ou seja, é no discurso que se encontram e se confrontam todas as vozes.

A partir dessa compreensão, é possível afirmar que diversas vozes sociais podem atravessar um mesmo material semiótico, e sua significação dependerá do meio social concreto, da voz social em que se ancora. É interessante ressaltar os jogos de poder que ocorrem entre as vozes sociais no enunciado. Bakhtin, ao destacar o aspecto multidirecional do funcionamento das relações dialógicas, compreendidas como espaços de tensão entre enunciados, coloca que qualquer enunciado é uma unidade de tensão, de contradição, já que nele, necessariamente, coexistem duas tendências opostas, as quais ele vai chamar de força centrípeta e força centrífuga. A primeira tende à centralização discursiva, busca calar as vozes opostas, e a segunda tenta corroer essa centralização.

As vozes sociais ressoam no interior do discurso por meio do fenômeno da refração, inerente a todo signo, através do qual interpretamos, julgamos, emitimos as diversas verdades sociais sobre o mundo. São, portanto, as diferentes interpretações, julgamentos, apreciações, as muitas verdades sociais que atravessam um mesmo material semiótico que Bakhtin chama

de vozes sociais e que configuram o discurso com a heterogeneidade constituída: “o objeto é para o prosador a concentração de vozes multidiscursivas” (BAKHTIN, 1990, p.88).

Conforme já ressaltamos, o dialogismo para Bakhtin constitui o modo de funcionamento real da linguagem, o que significa dizer que todo discurso está orientado para o que já se disse sobre o objeto, como também para o discurso-resposta que foi solicitado a surgir. Isso é o diálogo vivo na concepção bakhtiniana. Para Bakhtin, então, não existe discurso que não seja cercado de outros discursos. Ao contrário: o discurso é permeado pelo discurso alheio, pela voz do outro, e esses discursos que se referem ao mesmo tema (objeto) o encontram já desacreditado, contestado, avaliado, rotulado pelos outros discursos que já falaram sobre ele (BAKHTIN, 1990).

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoadas das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele a recebe da voz do outro e repleta da voz do outro. (BAKHTIN, 1990, p. 203)

Trata-se, portanto, do que a teoria bakhtiniana nomeia de relações dialógicas, que são relações de sentido que ocorrem entre enunciados, “relações entre índices sociais de valor, parte inerente de todo enunciado, que, no sentido bakhtiniano, é a unidade da interação social, e não um complexo de relações entre palavras, mas um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas (FARACO, 2006, p. 64).

É com essa perspectiva teórica que nos propomos analisar, por meio da linguagem e dos aspectos discursivos inerentes a ela, as relações afetivas que envolvem a mulher negra na obra “Diário de Bitita”, de Carolina Maria de Jesus.

Carolina e o feminismo decolonial

A escritora Carolina, chamada Bibita durante sua infância, teve uma vida envernizada pelas estruturas do regime escravista. Nascida em Sacramento – Minas Gerais, no ano de 1914, obteve um feito incomum: aprendeu a ler e a escrever. Ainda que pertencendo, desde o seu avô Benedicto, a uma geração de trabalhadoras rurais, iletradas e analfabetas, conseguiu subverter o que historicamente estava previsto para esse grupo e frequentou a escola Allan Kardec por dois anos. Apesar do curto tempo, essa passagem fomentou sua paixão pelos livros e pela escrita, cuja prática, então, passaria a ser usada pela autora como “um escudo de defesa pessoal” (FARIAS, 2017, p. 70), no enfrentamento dos demais problemas que se instalariam ao longo de sua vida. Nesse sentido, pode-se afirmar que a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus são verdadeiras fissuras em poderosas estruturas ideológicas de opressão, a saber: o colonialismo, o capitalismo e o heteropatriarcado. O

feminismo negro, ou de base decolonial, nos coloca diante dessas estruturas na medida em que constrói o conceito de interseccionalidade.

Amparadas em Kilomba (2019, p.108), compreendemos que "O movimento e a teoria de mulheres negras têm tido, nesse sentido, um papel central no desenvolvimento de uma crítica pós-moderna, oferecendo uma nova perspectiva a debates contemporâneos sobre gênero e pós-colonialismo." Assim, o feminismo decolonial emerge como reação à hegemonia das reivindicações liberais de mulheres brancas, "dentro do movimento das mulheres, as mulheres brancas se concentram em sua opressão como mulheres e ignoram diferenças de raça, preferência sexual, classe e idade" (LORDE, 2019, p. 241). Para as teóricas do feminismo decolonial, dentre as quais destacamos Sueli Carneiro, no Brasil:

o atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negro e de mulheres do país, enegrecendo, de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as, assim, mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (CARNEIRO, 2019, p. 315)

Nesse sentido, a produção literária de Carolina de Jesus e de mulheres que surgem no rastro dessa escrita escancara reivindicações pertinentes ao grupo de mulheres negras, cuja classe social está bem abaixo economicamente das mulheres brancas que protagonizaram as primeiras ondas feministas. Maria Lugones ressalta a importância de interseccionar as estruturas de raça, gênero, classe e sexualidade, uma vez que apenas considerando tais categorias em nosso quadro epistemológico é que se pode revelar a dominação e a exploração violentas às quais são submetidas as mulheres de cor (LUGONES, 2020).

Diário de Bitita é uma narrativa de rememoração em que Carolina narra as memórias da infância e da adolescência, como em Quarto de Despejo, a obra que a projetou, ela usa a escrita como escudo, como arma de resistência, colocando sua marca de sujeito que conta sua própria história. A respeito disso, Lélia Gonzalez coloca uma importante questão:

[...] nós mulheres e não brancas fomos 'faladas', definidas e classificadas por um sistema ideológico que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos, não só do nosso próprio discurso, como da nossa própria história. (GONZALEZ, 2020, p.42)

É essa possibilidade de ser sujeito que Carolina instaura em sua obra. Ao se colocar no ato da escrita como aquela que diz, e não que dizem por ela, Carolina abre a fissura no campo da

literatura, e mais amplamente da cultura, tornando possível à mulher negra, esse corpo social invisibilizado pela intersecção raça, gênero e classe, marcar seu posicionamento, sua visão de mundo, demonstrando o caráter multirracial e pluricultural de nossa sociedade.

Grada Kilomba (2019) também ressalta a importância de quebrar o silêncio. Silêncio que mantém o sujeito negro separado de qualquer identidade que ele realmente possa ter. Carolina em sua obra quebra o silêncio, revela segredos: “segredos como a escravização. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo.” (KILOMBA, 2019, p. 41). Esses segredos estão no cerne da outrificação da mulher negra, o que terá como consequência direta em sua vida a solidão e o não-lugar: “nós habitamos um espaço vazio, uma espécie de vácuo de apagamento e contradição.” (KILOMBA, 2019, p. 97-98)

Com menores oportunidades educacionais, sem acesso à saúde, saneamento básico, condições de moradia digna, baixas remunerações em ocupações semelhantes, o intercruzamento de categorias identitárias afetam a subjetividade da mulher negra, fazendo com que desapareçam do debate, do grande grupo, e operam na dificuldade delas construírem e consolidarem relações afetivas. No ensaio “A mulher negra e o amor”, a historiadora Beatriz Nascimento (2021) tece sua contribuição sobre a temática, colocando o afeto e a corporeidade em dimensões políticas. Segundo a autora, reproduz-se sob a mulher negra um “destino histórico”, advento do colonialismo, que a mantém estereotipada e extremamente limitada em suas relações afetivas, seja em dimensões amorosas, com um companheiro, como em relações sociais mais amplas, entre familiares, amigos e vizinhos. Essa “profunda desvantagem” (NASCIMENTO, 2021, p. 233) é decorrente da sobreposição de lugares de exclusão, de raça, gênero e classe, que a coloca em um contexto de vulnerabilidade e invisibilidade social, e se repercute, na sua afetividade.

Diante disso, basta observar a constituição familiar de mulheres negras para perceber que dificilmente ela obedece aos padrões familiares patriarcais. Com a ausência da figura masculina (o pai), seja na criação dos filhos, como na disposição material, a figura feminina negra é sobrecarregada de responsabilidades. Sendo, muitas vezes, mãe solo, de tripla jornada, mulheres negras temem ao tentar experimentar ou manter um outro relacionamento amoroso, que a mesma história, de amante e abandono, se repita. E que, além disso, seus filhos testemunhem e sofram algum tipo de violência.

No que diz respeito a sua relação com os seus filhos, a figura materna negra é descrita como o arquétipo da mulher super forte, “guerreira”, imponente. Por vezes, devido sua postura rígida, e de cobrança para com suas crias, ela é vista como uma mulher não afetuosa. No entanto, compreendendo ser ela “[...] o verdadeiro eixo econômico em torno do

qual gira a família negra” (NASCIMENTO, 2021, p. 233), a sua linguagem afetiva está ligada à materialidade: do alimento sempre na mesa, da realização dos gostos e desejos dos filhos, do garantir que tenham uma boa saúde e educação. Em consequência disso, é muito comum que as demonstrações de carinho nas famílias negras sejam consideradas menos importantes, uma vez que as necessidades materiais são urgentes e mais difíceis de serem supridas.

Com base nas contribuições teóricas assumidas neste estudo, reafirmamos a relevância dos estudos da linguagem de base discursiva, que analisam a materialidade linguística a partir das dimensões histórica e cultural, e dos estudos feministas de base decolonial, que consideram as interseccionalidades entre raça, gênero, classe, para a análise da obra *Diário de Bitita*, com foco nas relações afetivas vivenciadas pela mulher negra.

***“Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos”*: o lugar da mulher negra nas relações afetivas**

Dentro da perspectiva teórico-metodológica que assumimos para este trabalho, podemos perceber uma tensão de vozes sociais latentes no interior do enunciado: “As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar dos seus lares. Às seis da manhã, elas deviam estar nas casas das patroas para acender o fogo e preparar a refeição matinal. Que coisa horrível! As que tinham mães deixavam com elas seus filhos e seus lares. (JESUS, 1986, p. 34).” Percebe-se as relações afetivas construídas desde a infância sendo marcadas pela ausência/ solidão da mãe, eixo econômico da família negra. O verbo “dever” marca essa imposição da mulher negra, periférica, *ter que* deixar seus filhos para cuidar dos filhos dos brancos. A marca da imposição que emerge da materialidade linguística ressalta a voz colonizadora, escravagista, que não dá escolha para essa mulher, ela *tem que*, ela *deve cuidar*. Ausência para os filhos, solidão para as mães.

Em um outro trecho, pode-se perceber que a relação amorosa da mulher negra, representada pela esposa do avô de Bitita, se consolida apenas em função da submissão, postura de acordo com a qual todas as mulheres devem se comportar para se manterem em um relacionamento duradouro. A voz social da dominação, associada culturalmente ao masculino, tensiona com a voz da resistência, sendo esta suplantada por aquela, justamente porque a voz da resistência representa esse corpo social decorrente dos lugares de exclusão, criados pela interseccionalidade raça, gênero e classe.

A mulher que vivia com o meu avô era a Siá Maruca. Uma preta calma. Era um casal elegante. Quando falavam, se o vovô a repreendia ela chorava e curvava a cabeça e pedia desculpas. Quando o vovô se ausentava eu dizia:

— Siá Maruca, por que é que a senhora não reage quando o vovô a repreende?

— Não minha filha! A mulher deve obedecer ao homem. (JESUS, 1986, p.60)

A narradora Bitita acredita que a única forma de romper com a dominação é se tornando o dominador, ou seja “virando homem”. “Eu ficava furiosa. E chorava porque queria virar homem para as mulheres obedecerem-me” (JESUS, 1986, p. 60). Bitita demonstra um claro reconhecimento dos privilégios da masculinidade, no entanto sua voz se conecta com a voz colonizadora, patriarcal, ela não consegue enxergar uma saída possível para aquela opressão sendo ela uma menina, uma menina negra.

É uma luta perdida, a luta contra a dominação patriarcal, contra o racismo e seu modo implacável de exclusão.

Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam:

— Negrinha! Negrinha fedida! A avó de minha mãe dizia: — Eles são como os espinhos, nascem com as plantas. Não compreendi, mas achei tudo isto tão confuso! Por causa dos meninos brancos criticarem o nosso cabelo: — Cabelo pixaim! Cabelo duro! Eu lutava para fazer os meus cabelos crescerem. Era uma luta inútil. O negro é filho de macaco. Que vontade de jogar pedras. (JESUS, 1986, p.83)

É uma luta inútil, na visão de Bitita. A luta contra a lógica colonial, que determina o lugar do povo preto. O racismo cotidiano emerge como fonte de exclusão, animalizando o povo preto, afastando-o do que se concebe como humanidade. Kilomba (2019) nos ensina que:

o racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor não só como Outra/o [...] mas também como Outridade, isto é, como a personificação daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido. (p.78)

Para Bakhtin, a palavra não é neutra, despovoada de significados e índices de valores, ao contrário, ela carrega as vozes sociais, as diversas verdades sociais que compõem o discurso. O racismo cotidiano sofrido por Bitita, enunciado por garotos brancos, se ancora na voz do colonizador, ressaltando a diferença da cor da pele e se valendo dessa diferença como forma de hierarquizar as relações sociais e afetivas. Essa voz social Outrifica o povo preto na medida em que animaliza, em que personifica em Bitita a figura do animal (macaca) e da incivilizada (fedida).

O trecho a seguir é bem provocativo na medida em que percebemos de forma ainda mais explícita a dificuldade das pessoas conseguirem se relacionar afetivamente com a

mulher negra que se mostra afeita à leitura e à escrita, que se mostra capaz e disposta a ocupar os espaços privilegiados do saber, ocupados historicamente pela branquitude masculina.

— Eu sentava no sol para ler. As pessoas que passavam olhavam o dicionário e diziam:

— Que livro grosso! Deve ser o livro de são Cipriano. Era o único livro que os incientes sabiam que existia e existe. Começaram a propalar que eu tinha um livro de são Cipriano. E comentavam: — Então ela está estudando para ser feiticeira, para atrapalhar a nossa vida. [...]

Quando a minha mãe soube, avisou-me: — É melhor você parar de ler estes livros, já estão falando que é livro de são Cipriano, que você é feiticeira. (JESUS, 1986, p.160-161)

O que essa mulher quer quando se dispõe a romper com os lugares a elas destinados pela dominação colonial, capitalista e patriarcal? Sendo estas estruturas de dominação ideológicas que se afirmam, dentro outras coisas, por meio da “incapacidade de ouvir e de (re)conhecer o outro como sujeito com experiências, com saberes.” (MENESES, 2018, p.116). O embate da voz social dominante (as vozes dos Norte) com a voz social dominada (as vozes do Sul) (SANTOS, 2007) emerge desse enunciado e nos direciona para o entendimento de que o espaço da leitura, do estudo, da academia, da ciência, é um espaço da branquitude, e que às mulheres negras não é permitido ocupá-lo, uma vez que se tornam para elas espaços de violência.

Diante disso, podemos nos questionar se para a mulher negra periférica é possível construir e consolidar relações afetivas saudáveis? No cotidiano, no trabalho, na academia, o que lhes resta, a não ser a violência, o trauma, a solidão?

Mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de supremacia dupla, uma outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quando da masculinidade.

(KILOMBA, 2019, p. 190)

A despeito disso, *Diário de Bitita* é uma obra memorialística construída por uma mulher negra, que se desloca do lugar de objeto e assume o ser sujeito, subvertendo a lógica eurocêntrica de apagamento da vida, dos saberes, da cultura do povo negro. Nessa obra, encontramos o olhar da periferia sobre ela mesma e sobre o centro, é uma mudança de perspectiva, ainda não acolhida por aqueles que detém o poder de dizer quem pode dizer.

O fim é o começo: encontrando o caminho da descolonização

Como uma pessoa parda, nascida e criada na periferia, presenciei muitas vezes o racismo se valer de seu poder de exclusão, constringendo, segregando e isolando as pessoas, homens e mulheres, corpos racializados e subjugados pelo colonialismo e todos os seus pilares de sustentação. Sobre esses corpos sociais recaem a ordem colonial, a qual atua descredenciando-os de suas potencialidades criativas, internalizando em suas mentes apenas a perspectiva do colonizador, e apagando toda a criação realizada pelo povo preto.

Às mulheres negras, cujas subjetividades são atravessadas pela tripla dominação, resta a resistência. E esse caminho da resistência, da insistência em existir, física e subjetivamente, encontramos na obra de Carolina Maria de Jesus. Com sua obra, Carolina instaura um caminho de descolonização. Descolonização do eu, buscando a autonomia do sujeito que fala, que enuncia, que age sobre o mundo, ainda que seja um caminho solitário, de interdição das suas relações afetivas, ora por imposição, ora por escolha.

Referências

- BAKHTIN, M. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: _____. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitéc/Unesp, 1990. p. 85-106.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 313-321
- FARACO, Carlos Alberto . *Linguagem & Diálogo* “as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 168 páginas, 2009. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 12(1), 185–191.
- FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 39-49.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p.239- 249.
- LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 52-83.
- MENESES, Maria Paula. Colonialismo como violência: a “missão civilizadora” de Portugal em Moçambique. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Número especial/2018.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra e o amor**. In: RATTTS, Alex Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

SANTOS, Boaventura de Sousa (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, 71-74.